

**FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ – FAACZ**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

JULIANA ALVES DE OLIVEIRA

O BRINCAR NA PSICOTERAPIA INFANTIL:  
Uma leitura com a psicanálise

ARACRUZ

2023

JULIANA ALVES DE OLIVEIRA

O BRINCAR NA PSICOTERAPIA INFANTIL:

Uma leitura com a psicanálise

Artigo científico apresentado às Faculdades Integradas de Aracruz – FAACZ, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Psicologia.

Orientadora: Professora Stéfani Martins Pereira

ARACRUZ

2023

JULIANA ALVES DE OLIVEIRA

O BRINCAR NA PSICOTERAPIA INFANTIL:

Uma leitura com a psicanálise.

Artigo científico apresentado às Faculdades Integradas de Aracruz (FAACZ), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Psicologia.

RESULTADO: \_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

Aracruz, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Me. Stéfani Martins Pereira (orientador)  
Faculdades Integradas de Aracruz (FAACZ)

---

Prof. Me. Sthéfany Soares Santos Alvarenga (examinadora externa)

---

Prof. Me. Danielle Guss (examinadora interna)  
Faculdades Integradas de Aracruz (FAACZ)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho tão importante primeiramente a mim, a Deus, a minha família, e em especial duas pessoas muito importantes, Edina e Lucas, que estiveram ao meu lado no final deste processo. Seu apoio, paciência e incentivo foram fundamentais e me motivaram a persistir nos momentos desafiadores e a celebrar cada conquista, por isso esta monografia é um testemunho do nosso compromisso e da nossa capacidade de apoiar e fortalecer um ao outro em todas as circunstâncias. Sua sabedoria, carinho e apoio foram essenciais para o meu crescimento pessoal e acadêmico, além de sua influência positiva que moldou minha jornada de forma significativa, e estou profundamente grata por ter vocês como parte da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer a minhas duas orientadoras, Karina e Stéfani por trilharem este caminho comigo e não desistir no meio dele, pela paciência e disponibilidade de me ouvir e sempre perguntar como estou passando. Suas orientações foram cruciais para o meu crescimento acadêmico e para a conclusão deste trabalho. Suas críticas construtivas, sugestões perspicazes e paciência infinita foram inestimáveis. Vocês não apenas me ensinaram os caminhos da pesquisa acadêmica, mas também compartilharam comigo valiosos *insights* e experiências que me enriqueceram como pessoa e estudante, seu apoio constante me deu confiança para superar os desafios e continuar avançando, mesmo quando as dificuldades pareciam insuportáveis. Quero agradecer também por terem acreditado em mim, mesmo quando eu duvidava das minhas próprias capacidades, seu encorajamento foi o combustível que me impulsionou a seguir em frente e a dar o meu melhor em cada etapa deste processo.

Estou imensamente grata por tudo que fizeram por mim, por terem me escolhido, e levo comigo lições valiosas que vou carregar ao longo da minha vida.

Com profundo apreço e respeito,

Juliana.

*“Ganhamos momentos e  
perdemos a hora, é o poder  
do agora”*

Cynthia Luz e Delacruz

## **RESUMO**

Este estudo investiga o brincar na infância e sua relevância na psicoterapia infantil, com destaque nas contribuições teóricas do renomado psicanalista Donald W. Winnicott. Utilizando uma abordagem baseada em pesquisas bibliográficas e artigos científicos, a pesquisa examina como o ato de brincar na infância não é apenas uma atividade recreativa, mas um processo essencial para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social das crianças. É no brincar que as crianças exploram e compreendem seu mundo interno e externo, o que facilita a expressão de emoções, a construção de relações interpessoais e a aquisição de habilidades essenciais para a vida. Winnicott, em particular, enfatiza o conceito de "objeto transicional", no qual o brincar ocorre, servindo como uma ponte entre a realidade interna e externa da criança, suas contribuições teóricas, enriquecem essa perspectiva ao enfatizar a importância do espaço transicional e da criatividade no brincar, auxiliando tanto terapeutas quanto pais, a entender e apoiar o processo de desenvolvimento infantil de forma mais eficaz. O estudo também destaca como a psicoterapia infantil incorpora o brincar como uma ferramenta terapêutica valiosa, onde o terapeuta utiliza o brincar como uma linguagem que permite à criança expressar seus conflitos, ansiedades e traumas de maneira simbólica e segura. Através dessa ferramenta a criança pode reconstruir narrativas, experimentar soluções para seus problemas e fortalecer seu senso de autoestima.

**Palavras-chave:** psicoterapia; infância; brincar

## **ABSTRACT**

This study investigates playing in childhood and its relevance in child psychotherapy, highlighting the theoretical contributions of renowned psychoanalyst Donald W. Winnicott. Using an approach based on bibliographical research and scientific articles, the research examines how the act of playing in childhood is not just a recreational activity, but an essential process for the emotional, cognitive and social development of children. It is through playing that children explore and understand their internal and external world, which facilitates the expression of emotions, the construction of interpersonal relationships and the acquisition of essential life skills. Winnicott, in particular, emphasizes the concept of "transitional object", in which play occurs, serving as a bridge between the child's internal and external reality, his theoretical contributions enrich this perspective by emphasizing the importance of transitional space and creativity in play, helping both therapists and parents to understand and support the child development process more effectively. The study also highlights how child psychotherapy incorporates play as a valuable therapeutic tool, where the therapist uses play as a language that allows the child to express their conflicts, anxieties and traumas in a symbolic and safe way. Through this tool, children can reconstruct narratives, try solutions to their problems and strengthen their sense of self-esteem.

**Key words:** psychotherapy; childhood; play.

## **SUMÁRIO**

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2.</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>15</b>
<b>2.1.</b>	<b>AS PSICOTERAPIAS NA INFÂNCIA</b>	<b>15</b>
<b>2.2.</b>	<b>WINNICOTT: VIDA E OBRA</b>	<b>17</b>
<b>3.</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>19</b>
<b>4.</b>	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS</b>	<b>21</b>
<b>4.1.</b>	<b>O BRINCAR NA CLÍNICA WINNICOTTIANA</b>	<b>24</b>
<b>4.2.</b>	<b>A PSICANÁLISE CLÍNICA EM WINNICOTT</b>	<b>25</b>
<b>4.3.</b>	<b>OS USOS DO BRINCAR NA CLÍNICA PSICOLÓGICA COM CRIANÇAS</b>	<b>26</b>
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>29</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>31</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo da história da infância é fundamental para compreender a evolução das atitudes, percepções e formas de relacionar-se entre adultos e crianças ao longo do tempo e em diferentes culturas. Esse campo de estudo oferece informações valiosas sobre como a infância foi concebida, as mudanças nas normas sociais e as influências que moldaram a experiência das crianças. É fundamental a discussão sobre essa temática como ferramenta inicial para a compreensão sobre a infância e como foi vivida em diferentes períodos históricos a fim de nos ajudar a contextualizar a experiência das crianças hoje, garantindo assim uma melhor aplicabilidade da psicoterapia infantil na psicologia (Nascimento, Brancher, Oliveira, 2008).

O conceito infância surgiu a partir do século XVI, na idade média, considerando que antes deste século as crianças eram vistas como “pequenos adultos”, ou seja, tinham as mesmas características e responsabilidades de indivíduos adultos e em alguns casos até os sete anos de idade os indivíduos era taxado apenas com um “comportamento de infantilidade” (Nascimento, Brancher, Oliveira, 2008).

Antes do século XVI, o papel das crianças na agricultura era fundamental para o sustento das famílias. A sociedade era predominantemente agrária, e as comunidades dependiam da produção agrícola para alimentação e subsistência. As crianças desempenhavam um papel fundamental na agricultura, contribuindo para as atividades diárias da família desde tenra idade. Elas aprendiam as habilidades necessárias para o cultivo, cuidado dos animais e outras tarefas agrícolas. Essa contribuição precoce era essencial para o sustento da família e a transmissão de conhecimento de geração em geração (Nascimento, Brancher, Oliveira, 2008).

As crianças frequentemente participavam dessas atividades econômicas, ajudando a família a gerar lucro e garantir a subsistência, elas eram educadas nas práticas agrícolas e, ao crescerem, assumiram responsabilidades na condução das atividades agrícolas familiares. A função e entendimento das obrigações das crianças seguiu deste modo até o surgimento do renascimento no início do século XVI, onde houveram mudanças significativas a respeito do entendimento da infância (Ariés, 1981, *apud* Brito *et al*, 2020).

Haubert, Vieira e Telles (2014, *apud* Brito *et al*, 2020, p. 697) afirmaram que;

A noção de infância tal como a conhecemos na atualidade surgiu no século XIII, mas o seu desenvolvimento e estabelecimento se consolidaram apenas a partir do século XVI e durante o século XVII. Contemporaneamente, a infância passou a ser reconhecida como um período da constituição humana, que necessita de preparo e cuidados. Assim, considera-se fundamental compreender e escutar as crianças, frente às suas experiências, com o intuito de acessar a sua vivência, de maneira contextualizada.

O século XVI foi considerado como o século do renascimento, onde ocorreram as reformas protestantes e o surgimento de escolas para as crianças (no começo apenas para a burguesia). Este século também foi marcado pelo surgimento das teses de Lutero, suas ideias, junto com as ideias de Calvino, transformaram e julgaram as maneiras de pensar da idade média além de seus valores, o que trouxe para este contexto histórico mudanças significativas. Vale ressaltar que foi através dessas mudanças que houve uma reforma no pensamento dos indivíduos daquela época, principalmente em relação às crianças (Nascimento, Brancher, Oliveira, 2008).

Contudo, ao longo da história, esse período do desenvolvimento era visto de modo diferente do que se sabe na atualidade, considerando que “(...) antes do século 16, a consciência social não admitia a existência autônoma da infância como uma categoria diferenciada do gênero humano. Passado o estrito período de dependência física da mãe, esses indivíduos se incorporaram plenamente ao mundo dos adultos” (Levin, 1997 *apud*, Nascimento, Brancher, Oliveira, 2008 p.51).

Segundo Ariés, 1981, *apud* (Brito *et al*, 2020 p.697):

A vida era relativamente igual para todas as idades, ou seja, não havia muitos estágios e os que existiam não eram tão claramente demarcados. Por exemplo, as crianças tinham muito menos poder do que atualmente têm em relação aos adultos e provavelmente ficavam mais expostas à violência dos mais velhos.

No começo do século XVII, foi onde se deram os primeiros passos para a separação do “adulto” e da “criança”, antes todos eram tratados da mesma maneira. Esse período, também conhecido como período Barroco, abrangeu uma ampla gama de mudanças culturais, sociais e econômicas que tiveram impactos na forma como a infância era percebida e tratada.

A influência cristã também contribuiu para essas mudanças amplas e socioeconômicas e a partir do século XVIII, com a revolução industrial, e a introdução do trabalho em grandes manufaturas os adultos de classe alta iam para essas indústrias trabalhar enquanto seus filhos iam para as escolas estudar. Já as crianças menos favorecidas iam para o trabalho

acompanhadas de seus pais. Ainda assim, começava a surgir a ideia de que a educação poderia melhorar as perspectivas de uma criança, mesmo que essa ideia estivesse restrita a poucos privilegiados (Brito, 2020).

Segundo Aires, (1973 *apud*, Nascimento, Brancher, Oliveira, 2008 p.51)

Durante a Idade Média, antes da escolarização das crianças, estes adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa. Na sociedade medieval não havia a divisão territorial e de atividades em função da idade dos indivíduos, não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada dessa fase da vida.

A partir do século XIX, com os avanços tecnológicos foi onde a sociedade começou a entender que as crianças possuem características próprias e únicas, assim estudos científicos começaram a abrir espaço para novos conceitos e entendimentos a respeito da infância. No século XIX, durante a era vitoriana, as crianças possuíam distinção de acordo com sua classe social. Crianças consideradas de classe alta possuíam babás, que ensinam, as educavam e brincavam, (as meninas com bonecas e os meninos com trenzinhos e soldados), mas quase nunca tinham contato com seus pais ou falavam com eles. Já as crianças de classe baixa e menos favorecidas, estas tinham que trabalhar a partir dos cinco anos de idade, sendo que caso fossem do sexo masculino seriam um lucro para sua família. Nesta época poucas crianças desta classe social iam à escola, estas crianças não possuíam os mesmos brinquedos que as de classe mais alta ou sequer tempo para se divertir (Brito, 2020).

As crianças mais pobres frequentemente trabalhavam em fábricas e minas, realizando tarefas perigosas e extenuantes por longas horas, com poucas ou nenhuma proteção legal ou direitos trabalhistas. O trabalho infantil era considerado uma necessidade econômica para muitas famílias pobres, mas também gerou crescente preocupação sobre os impactos na saúde e no desenvolvimento das crianças (Brito, 2020).

Brincadeiras e jogos também faziam parte da vida das crianças e muitas vezes essas atividades tinham um propósito educativo ou estavam ligadas a tradições religiosas. As crianças eram frequentemente expostas a realidades cruéis e difíceis da vida, como doenças e mortalidade, desde cedo, o que também moldava suas experiências de infância.(Brito, 2020).

Surge, a partir daí, a importância de um olhar mais atento às demandas da infância, centrada no cuidado, na educação e no desenvolvimento emocional desses públicos.

A construção social da infância concretiza-se pelo estabelecimento de valores morais e expectativas de conduta para ela. Podemos falar de uma invenção social da infância a partir do século 18, em que há uma fundação de um estatuto para essa faixa etária, assim como a invenção da adolescência no fim do século 19 (Corsaro, 2003 *apud* Nascimento, Brancher, Oliveira, 2008 p.55).

No decorrer do século 19, as ideias sobre a infância começaram a se alinhar mais com as noções modernas de cuidado, proteção e educação das crianças e assim surgiram as primeiras escolas públicas, com isso o debate sobre a importância da educação infantil ganhou força. A literatura infantil também começou a se desenvolver, retratando a infância de maneiras mais sensíveis, contribuindo para a mudança das atitudes públicas daquela época. Outro avanço significativo foi o surgimento do conceito de "infância inocente", essa ideia de que as crianças eram naturalmente puras e inocentes começou a ganhar força, afastando-se da antiga noção de crianças como pequenos adultos. No final deste século, vários países começaram a promover leis de proteção à infância, limitando o trabalho infantil e estabelecendo padrões mínimos para o bem-estar das crianças. Essas mudanças progressivas pavimentaram o caminho para uma abordagem mais humanitária e orientada para o desenvolvimento da infância no século 20 e 21, o século atual (Brito, 2020).

A compreensão da história social da infância é essencial para a formulação de uma psicologia clínica direcionada às crianças por diversas razões. Primeiramente, pensando na humanização dos sujeitos nos anos iniciais da vida, bem como as demandas por cuidado e proteção da infância. Outro aspecto é que a história social da infância oferece um contexto crítico para a compreensão das experiências e desafios enfrentados pelas crianças em diferentes períodos históricos e culturas. Isso permite que a psicologia considere como as normas, valores e práticas sociais ao longo do tempo moldaram as percepções sobre o desenvolvimento infantil, a parentalidade e as expectativas em relação às crianças.

A defesa da proteção e cuidado integral das crianças torna-se gradativamente relevante, e as sociedades passam a adaptar-se, incluindo com a formulação de leis que garantam os direitos das crianças. A Declaração Internacional de Direitos Humanos, que data de 1948, além de vedar quaisquer modos de crueldade e opressão, também evidencia o direito de proteção da criança desde o seu nascimento (Organização das Nações Unidas, 1948). No Brasil, a

legislação mais recente que versa essa defesa é o Estatuto da Criança e Adolescente, que data de 1990, defende a proteção integral da infância e adolescência, garantindo o direito à saúde, educação e pleno desenvolvimento (Brasil, 1990).

Deste modo, os avanços nos estudos em psicologia apresentam um potencial para o fortalecimento dessa rede de garantias, seja no âmbito da análise ampla dos fatores ligados aos aspectos socioculturais, seja no desenvolvimento de práticas de psicologia no âmbito da saúde, educação e assistência social, além da psicoterapia como ferramenta que atua diretamente na promoção de saúde e bem-estar. O presente estudo destaca o lúdico como um meio de comunicação e desenvolvimento da criança, e se propõe a pensar o brincar como atitude e ambiente fundamental no desenvolvimento infantil.

A pesquisa proposta surge da necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a importância do brincar, reconhecendo a forte contribuição da perspectiva de Donald Winnicott e seu potencial impacto na prática clínica com crianças. À medida que as demandas psicológicas e emocionais das crianças continuam a evoluir em resposta às mudanças sociais e culturais, é essencial explorar abordagens terapêuticas inovadoras que atendam a essas necessidades de maneira eficaz. Com base na hipótese de que os estudos de Winnicott sobre o brincar podem ser uma ferramenta eficaz na promoção do desenvolvimento emocional e na psicoterapia infantil, esta pesquisa busca destacar sua importante contribuição na literatura psicológica. Compreender o papel do brincar de acordo com Winnicott na prática clínica é crucial para formular intervenções terapêuticas mais eficazes e promover o bem-estar emocional das crianças (Winnicott, 2019).

Com isso, esta pesquisa procurou responder a seguinte questão: Como o brincar contribui na prática clínica em psicoterapia com crianças? O objetivo consiste em investigar como a perspectiva de Winnicott sobre o brincar contribui efetivamente na prática clínica com crianças, com foco na promoção do desenvolvimento emocional na psicoterapia infantil. Além disso, procura-se analisar a influência das teorias de Winnicott sobre o brincar no contexto da psicoterapia infantil, investigar a relação entre a terapia infantil que incorpora o brincar e o estabelecimento do vínculo terapêutico entre o terapeuta e a criança, além de conhecer sobre recomendações práticas para psicólogos clínicos que atuam com o público infantil.

O presente trabalho organiza-se, portanto, com uma introdução que visa apresentar a temática seguida de uma fundamentação teórica, que discorre de modo breve acerca da origem da psicoterapia infantil, além de apresentar o teórico Donald Winnicott, sua obra e principais ideias e teorias desenvolvidas, além do brincar na clínica com crianças. Em seguida serão apresentados os procedimentos metodológicos que nortearam este trabalho, seguido dos principais resultados e análises. Por fim, serão tecidas as considerações finais e as referências bibliográficas.

De acordo com Doron e Parot (1998 *apud* Brito *et al.*, 2020, p.697), a psicoterapia trata de um “[...] campo de atuação psicológica de âmbito clínico, é conceituada como um método de tratamento do sofrimento psíquico por meios essencialmente psicológicos”.

No que se refere a uma história da psicoterapia com crianças, Deakin e Nunes (2008 p. 2, *apud*, Brito, 2020 p.697) trazem a conhecimento:

A primeira intervenção psicoterapêutica com uma criança foi descrita por Freud, no tratamento de um menino de cinco anos, o pequeno Hans, que tinha fobia de cavalos. Apesar de a intervenção ter sido feita de forma indireta, pois foi realizada através do pai do menino, pode-se dizer que é a Freud que se deve o reconhecimento da importância dos dinamismos psíquicos da criança, que se mantêm ativos e presentes em cada um de nós. Posteriormente a ele, Anna Freud e Melanie Klein sistematizaram o trabalho clínico com crianças, sendo elas as autoras dos primeiros livros sobre o tema. Simultaneamente ao desenvolvimento da prática clínica da psicoterapia com crianças, foi criada uma demanda de comprovação da eficácia e efetividade das técnicas utilizadas. A partir disso, a implementação de métodos de pesquisa de resultados de psicoterapia com crianças vem sendo desenvolvida e avaliada, na tentativa de encontrar uma maior fundamentação científica na área.

A psicoterapia na infância desempenha um papel fundamental bastante importante no campo da psicologia, sendo um dos pilares do bem-estar emocional e desenvolvimento saudável para as crianças. Ao longo das últimas décadas, a compreensão da importância desse campo de atuação tem crescido de maneira exacerbada, à medida que os pesquisadores e profissionais da área reconhecem os impactos significativos que a intervenção terapêutica precoce pode ter na vida das crianças e em seu futuro como adultos (Castro, Stürmer, 2009).

A infância é uma fase do desenvolvimento, na qual as bases do funcionamento emocional, social e cognitivo começam a ser estabelecidas, e continuam a se desenvolver durante toda a vida do indivíduo. Como qualquer ser humano, as crianças não estão isentas de desafios emocionais, traumas, ansiedades e dificuldades de adaptação, e é nesse contexto que a psicoterapia infantil emerge como uma ferramenta essencial para promover o bem-estar

emocional e oferecer suporte às crianças durante esses períodos desafiadores. Entende-se que a psicoterapia na infância é um campo crucial da psicologia que desempenha um papel significativo na promoção do bem-estar emocional, no desenvolvimento saudável e na prevenção de problemas de saúde mental em crianças, tratando de uma ferramenta fundamental na psicologia (Castro, Stürmer, 2009).

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. AS PSICOTERAPIAS NA INFÂNCIA

As origens das psicoterapias para crianças na psicanálise remontam ao trabalho pioneiro de Sigmund Freud e ao desenvolvimento subsequente da psicanálise infantil como uma disciplina. O próprio Freud fez algumas das primeiras incursões na psicoterapia infantil, pois seu trabalho com adultos o levou a reconhecer a importância de eventos precoces da infância na formação da personalidade e no desenvolvimento de transtornos mentais (Castro; Stümer, 2009).

Segundo Castro e Stümer, (2009 p. 26);

Em 1909, a análise do pequeno Hans, de 5 anos, foi conduzida pelo seu próprio pai, supervisionado por Freud, que o orientava quanto às intervenções em relação à fobia do menino. Esse atendimento pode ser considerado o primeiro modelo de uma psicoterapia infantil, e assim foi constatado que a interpretação era possível com uma criança.

Hermine von Hug-Hellmuth, nascida em 1871 foi uma figura bastante importante na história da psicanálise. Ela era uma das discípulas de Sigmund Freud e uma das primeiras mulheres a se envolverem profundamente com a psicanálise infantil. Em 1908, ela se tornou a primeira psicanalista a trabalhar especificamente com crianças, marcando um marco significativo no desenvolvimento da psicanálise infantil. Hermine se destacou por seu trabalho inovador ao aplicar as ideias psicanalíticas de Freud ao tratamento de crianças e seu trabalho focava em compreender as dinâmicas inconscientes nas mentes infantis, assim como Freud havia feito com os adultos (Castro e Stümer, 2009).

Uma das contribuições mais notáveis de Hug-Hellmuth foi a introdução da técnica do “jogo terapêutico”, que envolvia permitir que as crianças brincassem livremente com brinquedos enquanto observavam e interpretavam suas atividades. Essa abordagem foi precursora das modernas técnicas de terapia de jogo em psicoterapia infantil e ainda é usada hoje. Hermine também foi a primeira psicanalista a reconhecer a importância das relações parentais no desenvolvimento das crianças e nas manifestações de seus problemas emocionais. Em seus estudos ela percebeu que muitos dos conflitos e questões emocionais das crianças estavam ligados às interações com seus pais e familiares (Castro e Stümer, 2009).

Seu trabalho ajudou a estabelecer as bases para a psicanálise infantil como uma disciplina distinta, abrindo caminho para que outros psicanalistas e terapeutas infantis desenvolvessem abordagens terapêuticas adaptadas às necessidades únicas das crianças. Porém Hermine teve uma morte trágica, sendo assassinada pelo seu próprio sobrinho em 1924, a quem ela havia criado e tratado psicanaliticamente.

(...) o silêncio sobre esse incidente traumático poderia estar ligado ao temor sobre o futuro das crianças analisadas por seus pais ou alguém que estivesse nesse lugar e da impossibilidade de dar conta do que ocorre com transferência. (...) O desaparecimento de Hermine von Hug-Hellmuth é contemporâneo ao início de Melanie Klein e de Anna Freud, que não poderiam ignorar que a pioneira no terreno que ambas disputariam entre si tinha morrido assassinada por seu jovem sobrinho, em cuja criação tinham sido utilizados critérios inspirados na psicanálise (Fendrick, 1991 *apud*, Castro, 2009 p 26).

Seguindo também a mesma linha de raciocínio tivemos Anna Freud com a Técnica do “Jogo Terapêutico” de Hermine. Sendo filha de Sigmund Freud, Anna, foi frequentemente considerada uma das pessoas mais influentes no desenvolvimento das psicoterapias infantis na psicanálise, visto que ela adaptou as técnicas psicanalíticas para atender às necessidades das crianças (Castro e Stümer, 2009).

Nesta mesma época tivemos Melanie Klein uma psicanalista contemporânea que com suas teorias inovadoras, contribuiu significativamente para a psicoterapia infantil ao desenvolver abordagens específicas para trabalhar com crianças pequenas. Ela enfatizou a importância das fantasias e dos conflitos inconscientes nas mentes das crianças, criando técnicas específicas para explorar esses aspectos em sessões terapêuticas com crianças (Castro e Stümer, 2009).

Segundo (Castro, 2019 p. 28):

Diferentemente de Anna Freud, Melanie Klein considerava o brincar infantil uma forma de expressão de conteúdos mentais inconscientes, similar às associações livres dos adultos. Adultos falam e associam, enquanto crianças brincam e trazem à tona seus conflitos, ansiedades e fantasias, e esse material seria susceptível de interpretação no quadro da situação transferencial. Klein começou a trabalhar com crianças em 1919 e logo observou que, ao brincar, as crianças expressavam suas ansiedades e fantasias, dando acesso à sexualidade infantil e à agressividade: em torno dessas fantasias podia se instaurar uma relação transferencial e contratransferencial entre a criança e o analista.

Este pensamento da autora levou Winnicott a se interessar pelos estudos de Klein em particular: “Não se pode negar a influência de Klein nos pensamentos de Winnicott,

sobretudo, em relação à importância do mundo interno e o poder das fantasias.” (Castro, 2019, p 29).

Donald W. Winnicott foi outro importante psicanalista que estudou o conceito “Objeto Transicional”, e suas contribuições influenciaram profundamente na psicoterapia infantil. Este novo conceito se refere a objetos (como um objeto específico ou um brinquedo) que as crianças usam para transitar entre o mundo interno e o mundo externo. Ele ainda enfatizou a importância do brincar e do uso desses objetos na terapia infantil como uma maneira de ajudar as crianças a expressarem e compreender seus sentimentos e conflitos na medida em que “Considera a psicoterapia como um espaço transicional, onde a criança terá a oportunidade de desenvolver sua criatividade” (Castro, 2019, p. 30).

Para Winnicott, o desenvolvimento saudável de uma criança depende de uma mãe que seja “dedicada comum”<sup>1</sup> ou “suficientemente boa”, ou seja, uma mãe que seja capaz de atender às necessidades da criança de forma consistente, permitindo que a criança se sinta segura, amada e cuidada. Winnicott traz esse conceito como experiência universal, adquire um caráter de singularidade. Não existiram duas mães iguais, como não existem duas pessoas iguais (Winnicott, 2019).

Esses pioneiros da psicanálise infantil abriram caminho para uma compreensão mais profunda do funcionamento psicológico das crianças e desenvolveram técnicas terapêuticas adaptadas às suas necessidades únicas. Hoje a psicanálise infantil continua a evoluir e a se integrar com outras abordagens terapêuticas, fornecendo um quadro rico para a compreensão e tratamento dos desafios emocionais e psicológicos enfrentados pelas crianças (Castro e Stümer, 2009).

## **2.2. WINNICOTT: VIDA E OBRA**

Donald Woods Winnicott (1896-1971) foi um psicanalista britânico. Ele teve uma relação complexa com sua família ao longo de sua vida. Nascido em 1896 em Plymouth, Inglaterra, Winnicott cresceu em uma família de classe média, sua mãe, Elizabeth Martha Woods, era

---

<sup>1</sup> Winnicott traz o conceito de mãe dedicada comum em seu livro “Bebês e suas mães” para explicar à mãe que aprende com a maternidade, que erra e acerta, a mãe que está profundamente envolvida com seu bebê e com os seus cuidados, sendo um complexo conceito que não se pretende esmiuçar neste artigo.

uma mulher religiosa e autoritária, enquanto seu pai, Sir Frederick Winnicott, era um comerciante de sucesso e muito rico (Maxwell, 2005).

Winnicott tinha duas irmãs e era o único menino, em sua família além das irmãs, ele tinha os primos para brincar. “Era um lar onde lhe era dada a liberdade para desenvolver aquela confiança em si mesmo que lhe permitia confiar nos outros” (Davis, 1982, p.19 *apud* Maxwell, 2005). Apesar da boa convivência com sua família “(...) segundo Clare Winnicott, ele se ressentia por não ter tido tanta intimidade com a mãe e as irmãs devido à preocupação delas em não deixá-lo muito mimado” (Maxwell, 2005 p. 4).

Essas experiências pessoais moldaram sua compreensão da importância do ambiente familiar na formação da identidade e na psicologia infantil. Winnicott também mencionou em seus escritos a influência positiva de sua babá, Miss Saunders, que proporcionou um ambiente mais acolhedor e tolerante durante sua infância, ela era atenciosa e cuidadosa com ele durante sua infância. Durante sua vida adulta, suas teorias e ideias tiveram um impacto profundo na psicologia e na psicanálise, influenciando a compreensão da infância para novos horizontes (Maxwell, 2005).

Winnicott se formou em medicina em 1920 e naquela época já estava firmemente convencido da impossibilidade de se proceder a um diagnóstico dos distúrbios pertinentes à pediatria sem incluir na consideração os aspectos psicológicos. Em 1919, chegou a escrever uma carta a sua irmã Violet, onde relatou seu entusiasmo com descobertas acerca da teoria freudiana do psiquismo. Com isso ele decidiu que em 1923, incluiria a psicanálise em sua formação e então iniciou na época uma análise com James Strachey, que durou 10 anos. Nesta época Winnicott ficou tão encantado com a possibilidade de, através da psicanálise, abordar não apenas doenças da mente mas também os distúrbios somáticos e tudo isso estava alinhado com seu entendimento e objetivos futuros com a medicina (Dias, 2002).

Atualmente ele é conhecido por suas contribuições à teoria do objeto transicional, à noção de “ambiente suficientemente bom” e à importância do brincar no desenvolvimento saudável das crianças. A influência de sua própria infância e de sua relação com sua família desempenhou um papel significativo em sua abordagem à psicanálise e à psicologia infantil (Dias, 2002).

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método de coleta de dados se deu através de uma pesquisa bibliográfica, em razão de busca conhecer o brincar na prática psicoterapêutica com crianças na psicologia. É importante esclarecer que tais métodos foram definidos em função da facilidade do acesso e a grande variedade de conteúdo encontrada.

Quanto à natureza, esta pesquisa se classifica como sendo de grande área de ciências humanas, utilizando uma abordagem qualitativa.

Segundo Minayo, 2002, *apud*, Aguiar, (2019, p.19);

A pesquisa qualitativa possui aspectos que lhes são característicos, buscar responder questões privadas, suas preocupações estão arraigadas em questões da realidade que não podem ser quantificados, as pesquisas que são embasadas neste método geralmente focam se no universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, são todos elementos que fazem parte do espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que podem ser analisados mediante operacionalização de variáveis.

Para se fazer uma análise qualitativa é necessária de muitos elementos, Gil (2002, p.133) identifica esses elementos como;

[...] a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório.

Já conforme aos objetivos da pesquisa e seus propósitos mais gerais, pode ser classificada como um estudo exploratório uma vez que “esta pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (Selltiz *et al.*, 1967, p. 63 *apud* Gil, 2002 p.41).

Botelho e Cruz (2014, p. 59) afirmam;

A pesquisa exploratória tem como principais finalidades desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias objetivando a elaboração de problemas mais exatos para pesquisas posteriores promovendo familiaridade com o problema e requer levantamento bibliográfico e documental além de entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado.

A coleta de dados para a elaboração deste projeto de pesquisa ocorreu por uma busca de

artigos científicos que estavam relacionados com o tema, encontrados em duas plataformas de internet, Scielo e Google Acadêmico, entre os anos de 2013 a 2023 com as palavras-chaves: psicoterapia; infância e brincar. Foram considerados artigos publicados em língua portuguesa. Em seguida, foram selecionados artigos que apresentavam a perspectiva de Winnicott como base teórica. Ademais, foram estudados livros de referência a respeito da temática do brincar na infância e como recurso na psicoterapia.

#### 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para realização da pesquisa conforme metodologia apresentada, foram pesquisados 56 artigos e 6 livros e dentre eles foram selecionados 17 artigos e 3 livros para a elaboração final do trabalho, por maior afinidade e aproximação à temática pesquisada.

Os resultados das buscas encontram-se tabela abaixo:

<b>ANO</b>	<b>AUTORES</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>PERIÓDICO</b>
2018	Tiago Almeida	O governo da infância: o brincar como técnica de si	SciELO
2006	Fernando Donizete A. Aline Sommerhalder	O brincar: linguagem da infância, língua do infantil	SciELO
2008	Cleusa Kazue Sakamoto	O brincar da criança – criatividade e saúde	SciELO
2011	Tizuko Morchida Kishimoto	O Brincar e suas Teorias	Biblioteca Virtual Livro
1948	Unicef	Declaração Universal dos Direitos Humanos.	Site Unicef
2005	Maxwell	WINNICOTT: Uma História para Contar.	Site PUC-RIO
2016	Denise Bernardi	Reflexões acerca do brincar e seu lugar no infantil.	SciELO
2016	Maiara Castro de Freitas	Psicoterapia de crianças: o brincar como método de tratamento psicanalítico	SciELO

2020	Ellen Fernanda Klinger Weslei Alves Azevedo Georgia V. Barcelos Daniela P. Oliveira	O brincar como recurso de promoção à saúde em psicoterapia	Uri Santiago
2023	Lara M .de Souza Laura da Silva Velozo	Ludoterapia centrada na criança: A importância do brincar no setting terapêutico.	Periódico Rease
2020	Luciana C. Pinto Ventura Allyne Evellyn Freitas	O Brincar como recurso terapêutico na compreensão da psicanálise Winnicottiana	Periódico Rease
2013	Marina M. Machado	Fenomenologia e Infância: o direito da criança a ser o que ela é	Periódicos Científicos
2019	Camilla F. Mila Figueiredo de Oliveira	Brincar e criar: Uma leitura a partir da psicanálise infantil.	Repositório Acadêmico
2002	Elsa Oliveira Dias	A trajetória intelectual de Winnicott	Scielo
2016	Julia Archangelo G. Höfig	O <i>setting</i> suficientemente bom e o manejo clínico na	Scielo

	Sandra Aparecida S. Zanetti	psicoterapia infantil: relato de caso	
2008	Cláudia T. Nascimento Vantoir Roberto Brancher Valeska Fortes de Oliveira	A Construção Social do Conceito de Infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas	Revistas Unijuí
2021	Bianca gonçalves vilas boas	A experiência do brincar na clínica psicanalítica winnicottiana: uma revisão teórica.	UNIFAST
2019	Leopoldo Fulgencio Ana Lila Lejarraga	Winnicott o brincar e a realidade	Editores UBU

Fonte: elaborado pela autora.

Por meio da análise da tabela apresentada, é possível observar uma ampla produção teórica em torno da temática.

Para análise dos resultados obtidos, foi realizada uma categorização do conteúdo encontrado, sendo as seguintes: o brincar na clínica winnicottiana; a noção de clínica para Winnicott; e os usos do brincar na psicoterapia clínica. Desta forma, será possível a compreensão da contribuição do brincar na psicanálise de Winnicott, passando pela noção da clínica para este autor, além dos usos do brincar em psicoterapia de forma mais ampla.

#### 4.1. O BRINCAR NA CLÍNICA WINNICOTTIANA

Para Winnicott o brincar é considerado uma forma fundamental de comunicação e expressão para as crianças. Através das relações que se estabelecem no brincar, as crianças podem explorar seus sentimentos, desejos, medos e conflitos de uma maneira segura e criativa. O ambiente terapêutico deve ser um local onde no qual a criança possa se sentir à vontade para brincar livremente, sem julgamento, enquanto o terapeuta observa e interpreta os significados subjacentes às atividades lúdicas, não existe psicoterapia infantil sem o brincar.

Além disso, Winnicott enfatiza a importância do objeto transicional, que é um objeto (geralmente um brinquedo ou um objeto de apego) que ajuda a criança a fazer a transição entre o mundo interno e o mundo externo, ele tem o objetivo de fornecer conforto e segurança, permitindo que a criança desenvolva gradualmente sua capacidade de lidar com a separação da mãe. Esses objetos costumam ser escolhidos pela própria criança.

Um objeto transicional é um objeto físico, como um cobertor ou bicho de pelúcia, que uma criança usa como fonte de conforto e segurança durante a transição da infância para a independência emocional. Esses objetos costumam ser escolhidos pela própria criança. A ideia por trás deste conceito é que, à medida que uma criança começa a se separar de sua mãe ou de seu responsável e começa a desenvolver sua própria individualidade, esse objeto fornece uma sensação de continuidade e segurança. Ele ajuda a criança a lidar com a ansiedade de separação e a se sentir mais confortável quando não está na presença imediata de seus cuidadores (Winnicott, 2019).

Segundo Fulgêncio, (2011, p. 397) podemos entender a respeito dos objetos transicionais:

Os objetos transicionais são, ao mesmo tempo, criados e encontrados, constituindo um paradoxo simplesmente aceito, tanto para o bebê quanto para o observador externo. Esse paradoxo não é algo que deva ser solucionado, mas vivido como tal; qualquer atitude que tente resolvê-lo acaba por destruí-lo em sua natureza de fenômeno transicional (Winnicott, 1953/1975 *apud* Fulgêncio, 2011).

A ideia por trás deste conceito é que, à medida que uma criança começa a se separar de sua mãe ou de seu responsável e começa a desenvolver sua própria individualidade, mas não uma total independência, pois Winnicott trazia a ideia de que as relações sociais precisam ser

interdependente, ou seja a presença de uma dependência mútua e saudável entre o bebê (ou a criança) e o cuidador, geralmente a mãe.

É através do brincar e do que se constrói através dele, que as crianças gradualmente aprendem a distinguir entre o mundo da fantasia e a realidade, pois é neste contexto que se cria um espaço de expressão, fator extremamente importante para desenvolvimento de habilidades de adaptação e para a construção de uma compreensão sólida do mundo ao seu redor, além de desempenha um papel importante na construção do vínculo entre a criança e seus cuidadores. Participar em atividades lúdicas com a criança fortalece os laços afetivos e ajuda a criar um ambiente seguro e confiável.

Assim, o objeto transicional criado pela criança simboliza a própria mãe e este objeto serve como uma extensão do próprio ego da criança uma vez que ela não pode projetar na mãe, pois a mesma já possui o seu. O brincar e o conceito do objeto transicional na clínica Winnicottiana são elementos fundamentais na sua aplicabilidade na clínica com crianças (Winnicott, 2019).

O brincar na clínica Winnicottiana valoriza o jogo como uma ferramenta essencial para a compreensão e a resolução de questões emocionais e psicológicas em crianças, considerando que elas podem expressar suas preocupações e conflitos de maneira simbólica, enquanto o terapeuta ajuda a interpretar e compreender essas expressões, promovendo o desenvolvimento saudável e o bem-estar emocional (Winnicott, 2019).

#### **4.2. A PSICANÁLISE CLÍNICA EM WINNICOTT**

Para Winnicott, a clínica é um contexto em que ele utiliza a psicanálise para praticar psicoterapia com qualquer público, adulto ou infantil. Em sua clínica, Winnicott destacava a importância de criar um ambiente terapêutico que fosse seguro, acolhedor e confiável para o paciente. Ele acreditava que a construção de um ambiente facilitador era essencial para permitir que os pacientes explorassem suas preocupações e dificuldades emocionais.

Ele introduziu em sua clínica com crianças o conceito “Objeto Transicional”, que é um objeto de transição (geralmente um brinquedo ou objeto de conforto) que ajuda a criança a navegar entre seu mundo interno e o mundo externo. Para realizar uma intervenção, o terapeuta pode

usar esse objeto como um recurso, a fim de ajudar a criança a se sentir segura e à vontade na sessão (Winnicott, 2019).

Neste cenário ele traz o brincar como parte central de sua clínica especialmente com as crianças. Winnicott acreditava que brincar era a linguagem natural das crianças, e através dela elas poderiam expressar seus sentimentos, desejos e conflitos de uma maneira simbólica. Em sua clínica ele valorizava muito a relação entre o terapeuta e o paciente como um veículo para a realização das intervenções, acreditando que através desta relação era possível criar um espaço seguro no qual o paciente pudesse explorar suas questões emocionais. A sua clínica concentra-se no desenvolvimento emocional e no crescimento do paciente e isso envolve ajudar os pacientes a explorarem e a entenderem suas emoções, lidar com traumas e dificuldades emocionais e tentar desenvolver um senso saudável de *self*, utilizando a psicanálise (Winnicott, 2019).

O desenvolvimento saudável do *self*, se dá através do que chamamos de criatividade, e as relações construídas no brincar podem ser um caminho para que o indivíduo se torne criativo, sendo ele criança ou adulto e somente sendo criativo que se pode desenvolver e descobrir o verdadeiro *self*.

Winnicott costumava dizer que há em cada um de nós um verdadeiro e um falso *self*. O verdadeiro *self* nos conecta a uma existência mais leve, livre, criativa. Sendo o nosso sentimento de ser real, intocável e algo preservado por cada um de nós a qualquer custo. Já o falso *self*, por sua vez, tem o objetivo de proteger o nosso verdadeiro *self* – o qual supomos estar ameaçado por invasões precoces das intervenções e das demandas adultas, o que geralmente leva as crianças a um tipo de atitude de submissão, a criança cede. A submissão é o avesso da criatividade (Winnicott, 2019).

#### **4.3. OS USOS DO BRINCAR NA CLÍNICA PSICOLÓGICA COM CRIANÇAS**

Na psicologia existem diversas vertentes e abordagens distintas e cada uma delas entende a importância do brincar de forma singular, mas de grande relevância para a psicoterapia infantil. O brincar como ferramenta lúdica traz para o campo da psicologia uma forma simples e interessante de conduzir intervenções terapêuticas.

Segundo Felice (2003), citado por Klinger, 2019, p. 146;

É no interior da psicanálise que surgem as primeiras formulações acerca da utilização do lúdico como técnica/método terapêutico na clínica com crianças. Tal teoria mostra o lugar do brincar na constituição do sujeito e enfatiza que as atividades lúdicas, representam de modo simbólico as fantasias, e as experiências vividas na infância. Dessa maneira, a partir das formulações de Klein e Winnicott, o brincar ganha lugar de destaque no meio clínico em psicanálise infantil e torna-se instrumento terapêutico para a criança expor situações ou vivências, pois facilita a expressão da realidade psíquica da criança.

Winnicott compreende, através de seus estudos, que a relação que se constrói no brincar dentro da psicoterapia infantil é de extrema importância pois, além de proporcionar um melhor desenvolvimento pode também ensinar valores morais e culturais ao paciente.

Neste contexto, Klinger traz através de Winnicott:

A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas; e em consequência, onde o brincar não é mais possível, o trabalho do terapeuta será direcionado no sentido de trazer o paciente de um estado onde o mesmo não consegue brincar para um estado que seja capaz (Klinger, 2019, p. 146 *apud* Winnicott, 2019).

De acordo com Klein, a criança entende que para expressar o que sente e o que deseja obter ela precisa trazer isso em um âmbito simbólico ou no simbolismo, onde suas fantasias transmitem essa mensagem em códigos. “A criança expressa suas fantasias, seus desejos e experiências reais numa forma simbólica através do brincar e dos jogos” (Klein, 1932 p. 7 *apud* Yamamoto; Simon, 2012, p. 16)

Sobre o conceito de simbolismo, Klein apresenta:

O simbolismo é apenas uma parte dela. Se desejamos entender o brincar da criança corretamente em relação à totalidade de seu comportamento durante a sessão analítica, não devemos nos contentar pinçando separadamente o significado dos símbolos no brincar, por mais impressionantes que sejam e geralmente o são, mas devemos fazê-lo considerando todos os mecanismos e métodos de representação empregados no trabalho onírico, nunca perdendo de vista a relação de cada fator com a situação como um todo (Klein, 1932 p. 7 *apud* Yamamoto; Simon, 2012, p. 16)

Na brincadeira em conjunto a criança desenvolve muitas potencialidades. Ela aprende a comparar, analisar, nomear, entre outros, tudo isso contribui para novas experiências e descobertas na melhora do relacionamento com a família e muitas outras coisas. Durante a brincadeira, é possível observar aspectos cognitivos da criança, sua memorização, ansiedades,

medos, como ela lida com frustrações e erros, o seu nível de atenção e sua concentração na realização das atividades (Affonso, 2012).

Brincando a criança interage conosco e nos convida a entender como é o seu mundo interno e ao mesmo tempo ela revela a sua essência de ser. “Assim, o brincar está ligado à constituição subjetiva. Ele nos indica como acontece o desenvolvimento e nos aponta não só para os avanços e progressos, mas também para as inibições, as dificuldades e as patologias” (Baleeiro, 2007 *apud* Affonso, 2012).

Segundo Felice, 2003 *apud* Affonso, 2012:

Quando uma criança nos convida a brincar ou convida-nos a ver o que faz enquanto brinca, está tentando comunicar conteúdos que são inacessíveis, enquanto ela, criança, não é acompanhada pelo terapeuta. A presença continente e de reverência existentes no campo psicoterápico permite que seja criada uma condição de confiança e segurança capazes de servir de suporte para vivências ansiogênicas decorrentes de intensos conflitos endopsíquicos.

O brincar, portanto, desempenha um papel fundamental no crescimento e no desenvolvimento das crianças, promovendo o aprendizado, o bem-estar emocional, o desenvolvimento social e físico, a criatividade e a preparação para uma vida adulta saudável. Portanto, é fundamental que as crianças tenham tempo e espaço para brincar em seu cotidiano.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi explorado o papel fundamental do brincar na psicoterapia infantil sob a perspectiva da psicanálise winnicottiana.

A abordagem de Donald Winnicott oferece *insights* profundos sobre a natureza do brincar como uma linguagem primordial da criança, um espaço transicional onde as realidades internas e externas se entrelaçam de maneira única. Nesta síntese entre teoria e prática, emergem reflexões significativas sobre a importância do brincar como instrumento terapêutico na compreensão e tratamento das complexidades emocionais da infância.

Winnicott, ao introduzir o conceito de “objeto transicional”, revela a dimensão intermediária entre a fantasia e a realidade, onde o brincar se desdobra como uma ponte essencial. Na psicoterapia infantil, este espaço torna-se o palco onde as emoções, muitas vezes difíceis de articular verbalmente, encontram uma expressão simbólica e criativa. Através do brincar, a criança não apenas se comunica com o terapeuta, mas também explora e constrói significados em torno de suas experiências internas e externas.

No âmbito da psicoterapia infantil, Winnicott traz que o brincar é mais do que uma atividade lúdica; é um instrumento valioso para a compreensão das dinâmicas emocionais diversas. Além disso, ao considerar o brincar como um meio de construção do *self*, vê a necessidade de ter uma boa relação terapeuta-paciente, para que tudo ocorra de forma dinâmica. A relação terapêutica é, em si mesma, um espaço potencial onde a criança pode explorar, arriscar-se e desenvolver um sentido de confiança, pois é necessário que a intervenção terapêutica seja guiada pela sensibilidade do terapeuta para discernir os significados do brincar, facilitando assim o crescimento emocional e o desenvolvimento saudável da criança.

Ao integrar a teoria winnicottiana com a prática da psicoterapia infantil, abrimos novas possibilidades para a compreensão e abordagem das questões emocionais na infância. O brincar emerge como uma ferramenta poderosa, proporcionando à criança um meio seguro para explorar, expressar e compreender seu mundo emocional. Nesta jornada pela psicanálise winnicottiana, reafirmamos a relevância e a eficácia do brincar como um elemento vital na facilitação do crescimento e bem-estar psicológico das crianças em processo terapêutico.

A visão de Winnicott sobre o brincar exerceu uma influência profunda não apenas em sua própria abordagem psicanalítica, mas também reverberou em diversas outras linhas teóricas que exploram a psicoterapia infantil. A ênfase de Winnicott na importância do brincar como uma expressão natural e saudável do desenvolvimento infantil transcende fronteiras teóricas, encontrando eco em abordagens que vão desde a psicologia humanista até as terapias cognitivo-comportamentais. A compreensão de que o brincar é uma linguagem primordial da criança, um meio de exploração do mundo interno e externo, permeou diversas teorias terapêuticas que buscam compreender e atender às necessidades emocionais das crianças.

Essa convergência de perspectivas reforça a relevância contínua da contribuição de Winnicott e destaca o brincar como um elemento fundamental na prática clínica com crianças, consolidando seu papel como uma ferramenta terapêutica valiosa e intrínseca no processo de compreensão e intervenção psicoterapêutica.

## REFERÊNCIAS

AFFONSO, Rosa M L. Ludodiagnóstico. Grupo A, 2012. E-book. ISBN 9788536326962. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536326962/>. Acesso em: 07 out. 2023.

AGUIAR, Elaine Silva. Geometria na Educação Infantil: um estudo de caso na Escola Municipal Antônio Fernandes dos Santos. [Tocantins] : [Campus universitário Tocantinópolis], 2019. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/1632/1/Elaine%20Aguiar%20-%20TCC%20Pedagogia.pdf>.

ALMEIDA, Tiago. O governo da infância: o brincar como técnica de si. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 70, no.spe., p. 152-166, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v70nspe/13.pdf>.

BERNARDI, Denise. Reflexões acerca do brincar e seu lugar no infantil. Revista Brasileira de Psicoterapia Volume 18, número 1, abril de 2016. <https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v18n1a07.pdf>.

BOTELHO, Joacy Machado Metodologia científica / Joacy Machado Botelho, Vilma Aparecida Gimenes da Cruz. — São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm). Acesso em: 08 de outubro de 2023.

BRITO, Rosa Angela Cortez et al. A psicoterapia infantil no setting clínico: uma revisão sistemática de literatura. Contextos Clínic, São Leopoldo, v. 13, n. 2, p. 696-721, ago. 2020. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822020000200016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822020000200016&lng=pt&nrm=iso).

CASTRO, Maria G K.; STÜRMER, Anie. Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica. [Digite o Local da Editora]: Grupo A, 2009. E-book. ISBN 9788536319933. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536319933/>. Acesso em: 07 out. 2023.

DIAS, Elsa Oliveira. A trajetória intelectual de Winnicott. Nat. hum., São Paulo, v. 4, n. 1, p. 111-156, jun. 2002. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302002000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302002000100004&lng=pt&nrm=iso). acessos em 08 out. 2023.

DEAKIN, E. K.; NUNES, M. L. T.. Investigação em psicoterapia com crianças: uma revisão. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, v. 30, n. 1, 2008.

FREITAS, Maiara. Psicoterapia de crianças: o brincar como método de tratamento psicanalítico. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus Santiago, 2016.

<http://urisantiago.br/multicienciaonline/adm/upload/v2/n3/4158e04e9962931ffb580c9572b84a13.pdf>

FULGENCIO, L.. A constituição do símbolo e o processo analítico para Winnicott. *Paidéia* (Ribeirão Preto), v. 21, n. 50, p. 393–401, set. 2011. Disponível em ><https://www.scielo.br/j/paideia/a/cPdm3BZyTTwwRpCzYnrRwN/#>>. acessos em 21 nov. 2023

GIL, Antônio Carlos, 1946- Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

KISHIMOTO, Tizuko M. O Brincar e suas Teorias. [Digite o Local da Editora]: Cengage Learning Brasil, 2011. *E-book*. ISBN 9788522113965. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522113965/>. Acesso em: 06 nov. 2023.

KLINGER, Ellen Fernanda; BARCELOS, Georgia Verônica; AZEVEDO, Weslei Alves; OLIVEIRA, Daniela Ponciano. O brincar como recurso de promoção à saúde em psicoterapia. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 10, n. 1, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/1632/1/Elaine%20Aguiar%20-%20TCC%20Pedagogia.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2023.

NASCIMENTO, C. T. do; BRANCHER, V. R.; OLIVEIRA, V. F. de. A Construção Social do Conceito de Infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. *Revista Contexto & Educação*, [S. l.], v. 23, n. 79, p. 47–63, 2013. DOI: 10.21527/2179-1309.2008.79.47-63. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1051>. Acesso em: 14 jul. 2023.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração / Maxwell Ferreira de Oliveira. -- Catalão: UFG, 2011. 72 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 8 de outubro de 2024.

SAKAMOTO, Cleusa Kazue. O brincar da criança: criatividade e saúde. *Bol. - Acad. Paul. Psicol.*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 267-277, dez. 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2008000200014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2008000200014&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 30 out. 2023.

VENTURA, L. C. P. .; MENDES, A. E. F. G. . O brincar como recurso terapêutico na compreensão da psicanálise winnicottiana. *Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 226–238, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i2.8404. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/8404>. Acesso em: 30 out. 2023.

WINNICOTT, D. W.; SAFRA, Gilberto. Os Bebês e Suas Mães. São Paulo: Ubu Editora, 2020.